

Comentário de Conjuntura

O cenário econômico global, em novembro, destacou-se pela resiliência das pressões inflacionárias, que reforçaram o quadro de incertezas sobre a condução da política monetária das principais economias. As discussões sobre o ritmo dos cortes seguem no centro do debate, enquanto fatores políticos e fiscais adicionam complexidade à conjuntura e às perspectivas econômicas.

Nos Estados Unidos, a inflação de outubro, medida pelo PCE, apresentou alta pelo segundo mês consecutivo, com pressão nos núcleos de bens e serviços. No entanto, algumas métricas subjacentes indicaram desaceleração. O *payroll* de referência de outubro surpreendeu negativamente, com criação de vagas abaixo do esperado, embora influenciado por fatores temporários, como greves e fatores climáticos. Na reunião de novembro, o Fed reduziu a taxa básica de juros em 25 pontos-base, alinhado às expectativas, destacando cautela em ajustes futuros. Apesar da retórica do governo Trump sobre alta em tarifas alfandegárias, com possível efeito inflacionário, medidas amplas e generalizadas contra México e Canadá são consideradas improváveis, sendo vistas como estratégia para negociar questões migratórias.

Na Europa, os índices PMI da Europa, com recuos nas atividades do setor industrial e de serviços, reforçaram os riscos de desaceleração econômica. Apesar de a prévia da inflação ter acelerado, permanece abaixo das projeções do ECB. Não obstante, as expectativas de mercado refletem o cenário favorável à continuidade do ritmo gradual de cortes e apontam por uma redução de 25 pontos-base em dezembro.

No Brasil, a atividade econômica segue demonstrando sinais de aquecimento. As projeções do mercado, segundo o Relatório Focus, indicam crescimento da economia em 3,4% após a divulgação do PIB do terceiro trimestre. A inflação permanece pressionada, com a projeção para o acumulado em 2024 alcançando 4,84% e para 2025, 4,59% após oito semanas de elevação consecutiva. Nesse cenário, o mercado espera aceleração no ciclo de alta de juros na última reunião do Copom deste ano. No campo fiscal, embora o governo deva cumprir a meta de resultado primário em 2024, a proposta de cortes de gastos apresentada pelo Executivo gerou ceticismo quanto a sustentabilidade do arcabouço fiscal e da trajetória da dívida pública.

Recursos Garantidores

R\$ 714,0 milhões

Superavit Técnico

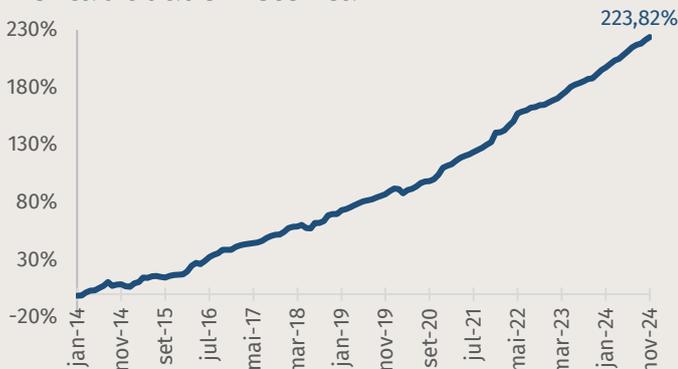
Superavit Acumulado	R\$ 96,4 milhões
Provisões Matemáticas	R\$ 366,7 milhões
% Provisões Matemáticas	26,3%

Histórico de Rentabilidade (%)

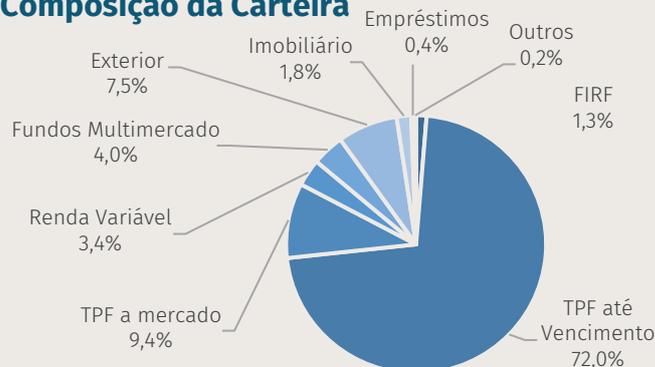
	2023			2024				12 meses	24 meses	36 meses	60 meses	
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Sem	3º Tri	Out	Nov					Ano
PBDC - Rent. líq.	5,90	4,50	10,66	5,55	2,17	0,90	0,85	9,74	11,12	22,28	39,35	73,20
Meta Atuarial ^{1/}	4,78	3,52	8,49	4,35	1,71	0,86	0,69	7,82	8,75	18,04	29,67	62,85
IPCA	2,87	1,70	4,62	2,48	0,80	0,56	0,39	4,29	4,87	9,80	16,26	34,30
CDI	6,50	6,14	13,04	5,22	2,64	0,93	0,79	9,85	10,84	25,58	40,62	50,28

1/ IPCA + 4,5% a.a. entre 2017 e 2020, IPCA + 4,0% a.a. em 2021 e IPCA + 3,70% a.a. a partir de 2022.

Rentabilidade Histórica



Composição da Carteira



Destaques de Desempenho

A carteira de investimentos do plano teve rentabilidade positiva de 0,85% em novembro. Os segmentos de Renda Variável e Imobiliário, prejudicados pela maior percepção de risco e pela abertura na curva de juros doméstica, foram os detratores no mês. Os segmentos Estruturado e Exterior, reforçando o papel da diversificação da carteira, contribuíram destacadamente no período, mitigando os impactos dos demais segmentos.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Novembro/24
Renda Fixa	0,64
Renda Variável	-2,31
Estruturado	1,59
Exterior	5,30
Imobiliário	-2,70
Op. Participantes	0,75